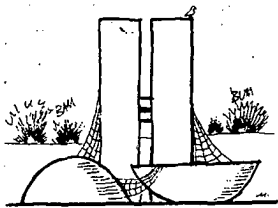


Congresso

A guerra é noutro lugar

20 AGO 1986



Por mais ferozes que sejam as críticas dos meios de comunicação ao Congresso, não há indicação de que senadores e deputados se disponham a abandonar suas bases até 15 de novembro. A disputa é acirradíssima. Eles

temem ser vitimados pela renovação de 80% das duas casas legislativas. E diante do cerco da imprensa a que vêm sendo submetidos, engendram até teorias conspiratórias, segundo as quais a campanha contra o pagamento dos jetons visaria a prendê-los nos plenários em Brasília para que, em sua ausência, novos candidatos, bem munidos de recursos financeiros, tomem seus lugares.

O líder da oposição, Amaral Neto, aproveita a ausência dos integrantes da Mesa da Câmara para criticá-los e, assim, ganhar espaço nos meios de comunicação. Decidiu permanecer em Brasília porque acha que assim terá mais imprensa e mais acesso ao eleitor fluminense. Espera, com isso, garantir a renovação de seu mandato.

Seu colega do Senado, Murilo Badaró, está noutra. Mergulhado fundo na campanha eleitoral. Não deixa as Alterosas por um só instante, sonhando beneficiar-se da desunião do PMDB mineiro. Amaral Peixoto, seu octogenário presidente, vai pendurar as chuteiras ano que vem. Não tem mais o que fazer em Brasília. Prefere ficar no Rio, curtindo a divulgação de seu bem fornido livro de memórias "Artes da Política".

O mesmo ocorre no PMDB. O senador José Fragelli não abandona Brasília, dando tempo integral na presidência da Câmara Alta, porque não disputa a reeleição. Já o honorável Ulysses Guimarães tem de meter o pé na estrada, como qualquer estreante, se deseja manter sua cadeira. A presidência da Câmara, exercida em dois tempos históricos distintos, 36 anos de mandato federal, a resistência democrática, nada disso importa. Não lhe conferem qualquer regalia. O mesmo ocorre aos líderes Alfredo Campos e Pimenta da Veiga.

O presidente do PFL, senador Guilherme Palmeira, foi praticamente obrigado a trocar o cenário federal por suas Alagoas. Era e é o único nome capaz de oferecer, barreira à corrida do deputado Fernando Collor Mello ao governo do Estado. É favorito, apesar de (ou talvez por) haver trocado o PDS malufista pelo PMDB.

Tal quadro preocupa as lideranças do Governo, que terão de despender esforços gigantescos para atração de senadores e deputados a Brasília para a votação da proposta orçamentária para o próximo exercício. Será difícil fazê-lo, agora, antes de 15 de novembro. E bem mais depois que se abrirem as urnas, não apenas pela exiguidade do prazo, como pelo acúmulo de frustrações dos que forem derrotados.

Por isso, constitui verdadeira temeridade convocar sessão do Congresso a fim de homenagear Juscelino Kubitschek, o fundador de Brasília, no 10º aniversário de sua morte. O senador Amaral Peixoto costuma dizer que não quer esse tipo de sessão porque não comparece ninguém e a oratória é de baixa qualidade. Se isso ocorre em tempos normais, não surpreende que haja acontecido na temporada eleitoral. Assim, JK, apesar da qualificação do comparecimento mineiro, não teve a sessão que sua grandeza requeria.